

Comunicação Oral

## **FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS/PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E PRESENCIAL: UM COMPARATIVO DAS MATRIZES CURRICULARES DE DUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

Valdinei Ferreira (UEMS – Campo Grande)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo comparar duas matrizes curriculares do curso de graduação em Educação Física, sendo na modalidade Educação à Distância (EAD) e na modalidade presencial. Levantar um breve histórico da Formação Docente, Educação à Distância e da Formação Superior em Educação Física. Os processos históricos buscam alcançar um breve entendimento sobre como surgiu a formação docente. Não diferente, o surgimento da EAD no contexto de sua gênese e como essa modalidade ascendeu ao seu atual formato e suas perspectivas para o futuro. E dentre suas variadas ofertas de cursos trataremos da graduação em Educação Física, trazendo duas matrizes curriculares de duas instituições de ensino superior e realizar um comparativo das disciplinas oferecidas e suas respectivas cargas horárias. O intuito é de apenas abordar os conteúdos teóricos da matriz curricular de cada modalidade, pois uma grande discussão acerca do curso de Educação Física no ensino superior em seu formato EAD está dirigida às atividades práticas, pois muitas vezes não existe o contato direto do aluno com o professor para que o processo ensino-aprendizagem se concretize, ficando os graduandos à mercê de um ensino puramente teórico. Contudo, este trabalho não objetiva verificar o curso de Educação Física em seu formato EAD e as suas aulas práticas. O processo será apenas em seu campo teórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física. Formação Docente. Ensino à Distância.

---

<sup>1</sup> [profeduc@uems.br](mailto:profeduc@uems.br) UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul



## Introdução

O ensino superior tem como um dos objetivos a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, portanto, ter um diploma de nível superior, para muitos, se torna quase imprescindível na busca das melhores oportunidades de emprego e de estar inserido no campo laboral.

A formação em algum curso de nível superior é uma das formas de se preparar para o mercado de trabalho numa perspectiva melhor de condições laborais e salário. Nesse processo estão os cursos de licenciaturas que são ofertados pela demanda e algumas peculiaridades determinam essa busca.

Com o desenvolvimento cada vez maior da tecnologia e dos meios de comunicação, a estrada pela qual percorre a educação de modo geral, e aqui mais especificamente a educação de nível superior, se torna uma estrada sem fim. Numa perspectiva histórica de Peters (2003, p. 29), o autor sinaliza que o desenvolvimento da educação à distância se deve ao advento das universidades abertas e que vem ocorrendo com uma velocidade de tirar o fôlego com a criação de universidades virtuais. Ainda reforça Peters (idem), "Com o tempo se expandirá ainda mais e se tornará uma parte indispensável de toda a educação superior na maioria das universidades de todo o mundo. Seu custo será decisivo neste processo, especialmente nos países em desenvolvimento".

O curso de Educação Física nas instituições de ensino superior é amplamente discutido em relação à sua formação docente. A divisão entre licenciatura e bacharel é um dos pontos fortes de vários debates. Outro questionamento é em relação à oferta do curso na modalidade EAD, pois em que momento caberiam as aulas de campo, aquelas aulas práticas que serão vivenciadas pelo futuro professor em uma escola.





## Formação Docente

Iniciaremos o assunto da formação de professores com uma definição de Oliveira (2011, p. 14):

A formação de professores é uma área de investigação e de práticas que no âmbito da didática e da organização escolar estuda os processos pelos quais os professores adquirem ou melhoram seus conhecimentos para intervirem profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da instituição (PACHANE, 2006).

Sem transcorrer sobre todo o processo da gênese em torno da formação docente desde seus primórdios, podemos aqui destacar alguns pontos que transitaram pelas transformações ocorridas em distintas épocas da história. Nóvoa (1991, p. 118) afirma que no seio da sociedade europeia houve um momento crucial em relação à formação docente:

O fim do século XIII representa, no conjunto das sociedades europeias, um período-chave na história da educação e, portanto, da profissão docente. Apesar das especificidades de cada país e de cada contexto sócio-econômico, põe-se por toda parte a questão de saber o que significa *ser um bom docente*: deve ser leigo ou religioso? Deve fazer parte de um corpo docente ou não ser mais que um mestre dentre outros? Como deve ser escolhido e designado? Como deve ser pago? De qual autoridade deve depender?

Essas perguntas não deixaram de ficar sem respostas e é uma constante hodiernamente. No Brasil, a formação docente perpassa por algumas situações que muitas vezes deixam os graduandos de licenciatura com uma qualidade aquém das



necessidades reais. Algumas dessas situações é citada por Leda Scheibe<sup>2</sup> quando o assunto são as instituições de ensino superior no país:

[...] é o setor privado que responde por cerca de 74% das matrículas em cursos de graduação presenciais no Brasil, a maior parte em instituições não universitárias, sobretudo em cursos noturnos. Tais instituições apresentam, em geral, situação mais precária para a oferta dos cursos. Devido ao menor custo de oferta, as licenciaturas são, historicamente, privilegiadas por essas instituições. A maior parte dos professores no Brasil, portanto, é formada em instituições não universitárias e em cursos ofertados no período noturno.

Os estudantes universitários, nas entrelinhas da citação anterior, são trabalhadores durante o dia e por isso os cursos ofertados têm um contingente maior no período noturno. São nessas instituições com condições de precariedade é que se formam os futuros professores das mais variadas redes de ensino. Porém, a qualidade desse profissional é, por vezes contestada quando o mesmo vai à campo, põe a mão na massa, a hora da labuta. É o reflexo da preparação. Nas palavras de Ghedin, Almeida e Leite (2008, pp. 23-24):

Pesquisas recentes têm mostrado que os professores não estão recebendo preparo inicial suficiente nas instituições formadoras para enfrentar os problemas encontrados no cotidiano de sala de aula. Os programas de ensino das diferentes disciplinas dos cursos de licenciatura estão, de um modo geral, sendo trabalhados de forma independente da prática e da realidade das escolas, caracterizando por uma visão burocrática, acrítica, baseada no modelo da racionalidade técnica.

Geralmente os cursos de graduação em licenciaturas oferecem as disciplinas com suas respectivas cargas horárias e exigem dos educandos os estágios para que

---

<sup>2</sup> Leda Scheibe. Artigo que discute a trajetória da formação de professores no Brasil com o tema: Formação de Professores no Brasil: a herança histórica.



possam estar perto da realidade, mas isso não reflete o cotidiano das salas de aula. Tardiff (2012, p. 270) trata dos “Problemas epistemológicos do modelo universitário de formação” da seguinte forma:

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir as aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana.

Repensar a formação de professores é uma constante partindo das práticas pedagógicas e docentes (PIMENTA, 2009). Anualmente, os cursos de licenciatura são alterados e acabam incluindo novas disciplinas, readaptando outras e excluindo outras em sua matriz curricular. Certamente que as mudanças têm o escopo de melhorar a oferta de ensino em sua qualidade e preparar eficientemente o profissional docente para atuação após a graduação. Serão eles os professores das redes municipais, estaduais e federais da educação básica Brasil afora. O distanciamento dos cursos de formação de professores com a realidade da escola é um ponto sinalizado por Pimenta (2009, p. 16):

[...] os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gestar uma nova identidade do profissional docente.

Outro ponto importante, mas que não será objeto de discussão desse processo de formação e que na verdade vai além dos cursos de licenciatura, é a formação





contínua ou formação continuada muito presente nas instituições de ensino. Sucintamente expondo, é a continuidade que se dá ao processo de formação inicial. Oliveira (2011) aponta que “a manutenção da atualização, a aquisição das constantes inovações, tem a função de trazer à memória que há o risco de perder o emprego, o cargo ou os direitos conquistados”. E Shiroma, (2003, p. 91) sinaliza ainda que “o peso da contínua formação profissional serve para o professor ter claro que está ‘condenado a viver em eterna formação, lançando-o à condição de um quase professor, que nunca estará preparado”.

### **Educação à Distância**

Os fatos históricos sempre têm importância em qualquer campo do conhecimento e, neste caso, ao falarmos de educação à distância vamos recorrer a alguns deles. Em seu livro “A educação à distância em transição”, Otto Peters (2003), retrata alguns pontos fundamentais da temática. Iniciaremos abordando o precursor, que segundo Peters (2003, p. 29), seria o ponto inicial da educação à distância:

As primeiras experiências em educação à distância foram singulares e isoladas. No entanto, já eram de profunda importância para as pessoas implicadas, porque o conteúdo era a religião e a controvérsia religiosa, que eram levadas muito a sério naquela época. Estou me referindo aqui a São Paulo, que escreveu suas famosas epístolas a fim de ensinar às comunidades cristãs da Ásia Menor como viver como cristãs em um ambiente desfavorável.

Desse ponto de partida podemos inferir que a tecnologia utilizada por São Paulo em suas cartas foi a escrita. Sabemos que antes do acesso facilitado à internet, dos computadores utilizados em quase todos os lares e do avanço tecnológico da comunicação, a educação se apropriou das correspondências para ganhar espaço. Peters (idem, p. 30) diz que “Em meados do século XIX, a primeira abordagem geral



à educação à distância pode ser identificada em todos os lugares em que a industrialização modificou as condições tecnológicas, profissionais e sociais de vida”. Aqui podemos identificar que essa citada industrialização do século XIX está ligada à Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra. Escolas por correspondência assinalavam a importância do ensino. Peters (ibidem) assim se refere:

Na época, surgiram muitas escolas por correspondência na Inglaterra, na França e na Alemanha, assim como em outros países europeus. Muitas outras viriam a ser criadas mais tarde em outros continentes. Tornaram-se importantes porque ofereciam instrução àquelas pessoas que eram deixadas de lado pelo sistema educacional, dentre elas pessoas bem dotadas que queriam ascender socialmente a fim de melhorar as suas condições de vida e de qualidade de vida.

Traçando ainda o caminho histórico da educação à distância, já podemos traçar seu percurso nos anos 1970. Nos conceitos de Peters a “educação se utilizou de dois meios de comunicação de massa eletrônicos analógicos – o rádio e a televisão -, e mais tarde também do vídeo e das fitas cassetes, assim como de centros de estudo”.

O impacto da tecnologia e dos meios de informação, do acesso à internet, da comunicação e do poder aquisitivo da população para aquisição dos produtos informatizados, certamente colabora para o avanço global da modalidade de educação à distância e suas novas práticas pedagógicas. Senão, vejamos nas palavras ainda de Peters (2003, p. 41):

Correntemente está ocorrendo uma revolução pedagógica na educação à distância: o uso crescente de ambientes informatizados de aprendizagem e da rede. [...] Teóricos e profissionais agora têm que fazer face aos avanços rápidos, imprevistos, inesperados e inacreditáveis das tecnologias de informação e comunicação.





A educação à distância tem sido tratada de modo indissociável nos processos de ensino na contemporaneidade. É a porta de entrada para muitos alunos que desejam prosperar em um curso de graduação e que possa ter um encaminhamento formalizado para o mercado de trabalho. No sentido dessa necessidade Niskier (2000, p. 19) aponta:

[...] sem dúvida a EAD pode ser apresentada, como tem ocorrido em seminários internacionais, como a tecnologia da esperança. Há uma expectativa positiva de que possa representar um esforço considerável à política de recursos humanos de nações interessadas no progresso e que dependerão da tecnologia educacional para alcançar uma aprendizagem construtiva.

Os questionamentos acerca dos cursos à distância existem, mas para Niskier (idem, p. 20):

[...] por uma justificativa altamente discutível: o medo da *pilantragem*. A provável oficialização da EAD enseja dois tipos de receio: a) a falta de cuidado no credenciamento das instituições; b) o facilitário na concessão de diplomas. São preocupações que não devem inibir o processo. Não podemos admitir que sejamos definitivamente incapazes de levar a sério esse tipo de experiência pedagógica ou qualquer outro.

Avançando temporalmente no que diz respeito à EAD no Brasil, sem necessariamente tomar parte de toda sua trajetória, podemos citar o Decreto 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 que regulamentou o art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) definindo como EAD:

[...] uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados





isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

A auto-aprendizagem é um dos questionamentos levantados por educadores em relação à EAD. Borba, Malheiros e Zulatto (2007, p. 21) apontam tal questionamento:

Acreditamos que o aluno, ao optar por uma formação à distância, terá que assumir grande responsabilidade pelo seu aprendizado, caracterizada pela autonomia e pela disciplina por alguns autores, especialmente quando o tempo é flexível. No entanto, consideramos relevante salientar que o acompanhamento do aluno, especialmente em processos de formação formal, é fundamental para o seu desenvolvimento.

### **Formação Superior em Educação Física**

O alongamento da história sobre a Educação Física no Brasil conduz a fatos desde o tempo do Império aos primeiros momentos do Período Republicano. Tomaremos como início dessa temática um trecho da obra de Lino Castellani Filho “Educação Física no Brasil: a história que não se conta” (Castellani, 2008, p. 34):

[...] Pude assim dizer, estar a história da Educação Física no Brasil, se confundindo em muitos de seus momentos, com a dos militares. A criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810, com o nome de Academia Real Militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil; a introdução da Ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra-mestre de Ginástica da Escola Militar; a fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo – o mais antigo estabelecimento especializado de todo o país -; a portaria do Ministério da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criando o Centro Militar





de Educação Física, cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas – Centro esse que só passou a existir, de fato, alguns anos mais tarde, quando do funcionamento do curso provisório de Educação Física – somados a muitos outros fatos, como por exemplo a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física [...]

Após contextualizar sobre essa fase primeira da Educação Física no Brasil, avançamos bastante no tempo e com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação chegamos ao Ensino à Distância tão comumente posto. E hoje nos deparamos também com a Formação de Professores de Educação Física no Ensino à Distância. Porém, o que muito se discute é: como realizar as práticas corporais necessárias ao conhecimento do futuro professor? Ficam assim, os alunos, contidos nos saberes pedagógicos em sua teoria. A preocupação maior é a formação prática do professor de Educação Física. No entanto, algumas instituições de ensino superior disponibilizam espaços para que periodicamente as aulas práticas aconteçam. A junção da teoria com a prática é o que se espera para uma formação mais eficiente.

A seguir, um quadro comparativo entre as modalidades de ensino para a formação docente em Educação Física.

## Dados das Matrizes Curriculares de duas Instituições de Ensino Superior

Tabela 1

Quadro comparativo das disciplinas em comum do curso de Educação Física nas modalidades EAD e Presencial com respectivo semestre e carga horária apresentada





## II SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA - NECESSIDADES FORMATIVAS NAS/DAS LICENCIATURAS

Dourados-MS, de 12 a 14 de junho de 2017.

EAD		PRESENCIAL	
Metodologia do Ensino da Natação	7º S – 80 h	Teoria e Prática da Natação e Atividades Aquáticas I	1º S – 40 h
Introdução à Educação Física	3º S – 60 h	História e Organização da Educação Física	1º S – 80 h
Metodologia do Ensino do Atletismo	5º S – 80 h	Teoria e Prática do Atletismo I	1º S – 80 h
Metodologia do Ensino da Ginástica Escolar	4º S – 60 h	Teoria e Prática da Ginástica I	1º S – 40 h
Metodologia do Ensino do Handebol	6º S – 60 h	Teoria e Prática do Handebol I	2º S – 40 h
Fisiologia do Exercício	6º S – 80 h	Fisiologia Humana I	3º S – 80 h
Metodologia do Ensino do Voleibol	5º S – 60 h	Teoria e Prática do Voleibol	3º S – 80 h
Metodologia do Ensino do Basquetebol	5º S – 60 h	Teoria e Prática do Basquetebol I	3º S – 40 h
Metodologia do Ensino da Atividade Rítmica e Dança	4º S – 60 h	Teoria e Prática da Dança	4º S – 80 h
Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	3º S – 80 h	Introdução à recreação e aos Estudos do Lazer	4º S – 80 h
Sociedade, Educação e Cultura	1º S – 60 h	Sociologia e Antropologia	4º S – 80* h
Crescimento e Desenvolvimento Humano	3º S – 80 h	Crescimento e Desenvolvimento	4º S – 80 h



GEPPEF

Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas  
Educativas e Formação de Professores



## II SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA - NECESSIDADES FORMATIVAS NAS/DAS LICENCIATURAS

Dourados-MS, de 12 a 14 de junho de 2017.

Metodologia do Ensino de Lutas	6º S – 60 h	Lutas	5º S – 40 h
Metodologia Científica	7º S – 60 h	Metodologia Científica	5º S – 40 h
Metodologia do Ensino da Atividade Rítmica e Dança	4º S – 60 h	Teoria e Prática da Ginástica Rítmica	5º S – 80 h
Psicologia da Educação e da Aprendizagem	2º S – 60 h	Psicologia da Educação	5º S – 100* h
Libras	1º S – 60 h	Libras	5º S – 120 h
Educação Inclusiva	1º S – 60 h	Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais	6º S – 80 h
Organização do Trabalho Pedagógico	2º S – 60 h	Didática da Educação Física	6º S – 100* h
Filosofia da Educação e Pensamento Pedagógico	2º S – 120 h	Filosofia	3º S – 80* h

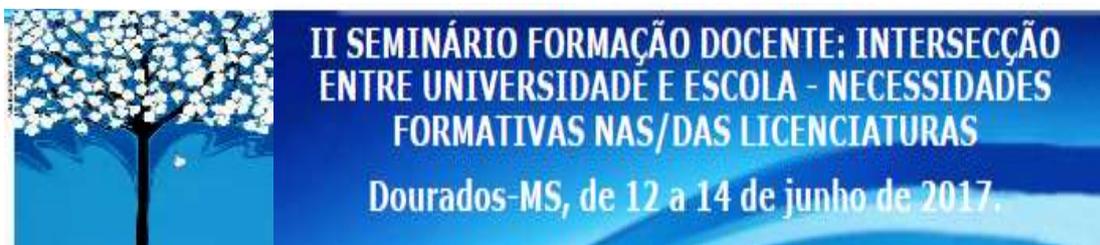
(\*) Ensino a distância

Do curso presencial:	
EAD	620 h
Estágio Supervisionado	400 h
Atividades Complementares	200 h
Total	1.220 h
Total Geral do Curso	3.140 h onde: 3.140 – 1220 = 1.920 1.920 x 50/60 = 1.600



GEPPEF

Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas  
Educativas e Formação de Professores



	1.600 + 1.220 = 2.820 h Mínimo exigido são 2.800 h (informação está na matriz curricular)
--	---

Do curso EAD	
Atividades Acadêmicas Curriculares	1.980 h
Atividades Práticas	400 h
Estágio Curricular Obrigatório	400 h
Atividades Complementares Obrigatórias	200 h
Total	2.980 h

### Considerações Finais

A observação do quadro comparativo sobre as disciplinas elencadas no curso superior em Educação Física sugere apenas um informativo. Há muito trabalho a realizar na área acadêmica no sentido de que o processo de formação docente se torne eficiente, seja na modalidade EAD ou presencial. Algumas nuances a respeito do curso podemos perceber, como por exemplo, a carga horária total ao fim da formação e disciplinas com a nomenclatura diferente, porém, com a mesma função e outras disciplinas que não aparecem nem numa, nem noutra modalidade. A carga horária das instituições é aproximada. Tratamos aqui apenas de uma parte do curso de Educação Física e o trato de duas modalidades de ensino, podendo essa introdução servir para um futuro trabalho que seja mais detalhado em sua dimensão e seu propósito educacional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, M. C., MALHEIROS, A. P. S., ZULATTO, R. B. A. **Educação a Distância online**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2007

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 12ª ed. Campinas: Papirus, 2008

FILHO, A. L., SILVA, A. M., PIRES, G. L. **Saberes e práticas corporais na formação de professores de Educação Física na modalidade a distância**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892013000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000300013&lng=en&nrm=iso) > Acesso em: 12/10/2106

GHEDIN, E., ALMEIDA, M. I., LEITE, Y. U. F. **Formação de Professores: Caminhos e Descaminhos da Prática**. Brasília – DF: Líber Livro Editora, 2008

NISKIER, A. **Educação à Distância: a tecnologia da esperança**. 2ª edição. São Paulo – SP: Edições Loyola, 2000

NÓVOA, A. **Concepções e práticas da formação contínua de professores**: In: Nóvoa A. (org.). **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas**. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991

OLIVEIRA, D. E. M. B., SANTOS, A. R. J., REZENDE, L. A. **Formação de professores e ensino: aspectos teóricos-metodológico**. Londrina – PR: UEL, 2011

PETERS, O. **A educação à distância em transição**. Título original: *Distance Education in Transition Trends and Challenges*. Germani, 2002. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2003



PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 7ª ed. São Paulo – SP: Cortez, 2009

SHIROMA, E. O. **O eufemismo da profissionalização**. In: MORAES, M. C. M. (Org.). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro – RJ: DP&A, 2003

TARDIFF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012